

À Flor da Pele

Magliani Vive Aqui

Neiva Maria Fonseca Bohns
Universidade Federal de Pelotas

RESUMO

Maria Lídia Magliani (Pelotas, 1946 - Rio de Janeiro, 2012) desafiou as convenções artísticas e sociais vigentes, pelo fato de ser mulher, negra e, na pintura, adepta de uma estética neo-expressionista. Ao longo de sua carreira trabalhou intensamente como artista gráfica e visual para revistas e jornais e participou de inúmeras exposições em galerias de arte e museus brasileiros. Seguindo o fluxo de suas aspirações e desejos, mudou-se diversas vezes, tendo residido em São Paulo, Minas Gerais e no Rio de Janeiro. Nos seus últimos anos de vida trabalhou no Estúdio Dezenove, no Bairro de Santa Tereza, no Rio de Janeiro, que guarda um rico acervo da artista. Esta comunicação tem como finalidade suprir uma lacuna nos estudos da arte sul-brasileira, de modo a facilitar o conhecimento do conjunto da obra desta artista, tanto no âmbito acadêmico, como no meio artístico em geral.

Palavras-chave

Pintura. Magliani. História da Arte Brasileira.

*

ABSTRACT

Maria Lidia Magliani (Pelotas, 1946 - Rio de Janeiro, 2012) has challenged social and artistic conventions, as a woman, as black, and in painting, as a supporter of a neo-expressionist aesthetics. Along her career, she has intensively worked as a visual and graphic artist for magazines and newspapers, and participated on several exhibitions in Brazilian art galleries and museums. Following the flow of her aspirations and desires, she has moved a lot and lived in Sao Paulo, Minas Gerais and Rio de Janeiro. In the final years of her life, she has worked at the Dezenove Studio, in Santa Tereza neighborhood in Rio de Janeiro, where there is a rich collection of her work. This communication aims to fill a gap in the studies of Southern Brazilian arts, in order to improve knowledge about this artist's work, both academically and artistically.

Keywords

Painting. Magliani. Brazilian Art History

Na década de 1980, o crítico de arte Nelson Abott de Freitas descrevia Magliani – que há muito tempo deixara de viver na cidade onde nasceu, para circular entre várias regiões do país –, como uma jovem simpática, descontraída, espirituosa e alegre. Segundo ele, a artista tinha um tipo físico franzino, e sua aparência contrastava com as volumosas figuras das suas pinturas e desenhos. Os amigos mais próximos da artista mencionam sua inteligência viva, seu senso de humor e sua rapidez de raciocínio, que nunca deixaram de existir, mesmo quando a fragilidade física juvenil deu lugar a um corpo de mulher madura.

Maria Lídia Magliani (Pelotas, 1946 - Rio de Janeiro, 2012) era filha de um servidor público e de uma empregada doméstica. Seu avô paterno, de origem italiana, foi um pintor que executava frisos decorativos nas paredes das residências da alta burguesia de Pelotas. Teve dois irmãos, Antônio e Maria da Graça. A família mudou-se de Pelotas para a região metropolitana de Porto Alegre no início da década de 1950, quando Maria Lídia tinha cerca de quatro anos de idade. Incentivada pelos pais, e apesar das dificuldades financeiras enfrentadas pela família, desde a adolescência gostava de ler, de ouvir música, de ir ao cinema, ao teatro, de desenhar e de pintar.

Aos dezessete anos – bastante precocemente para a época – ingressou na Escola de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, passando a conviver com professores e outros estudantes de arte mais experientes, que já tinham interesse em arte moderna e contemporânea. Desde o início, fez opções não tradicionais, embora tenha resistido a aventurar-se no abstracionismo, no concretismo, no minimalismo ou na arte conceitual. Seu interesse pelas manifestações artísticas relacionava-se com alguns aspectos essenciais da arte moderna, como a liberdade expressiva, sem disfarçar certos estados de espírito, desde que fossem autênticos. Assim, aprofundava-se na sua autoanálise, ao mesmo tempo em que investigava a sociedade contemporânea a partir de suas próprias experiências, num mergulho psicológico cada vez mais profundo. Suas paixões, amizades e desencantos foram registrados incansavelmente em pinturas e desenhos.

Nas décadas de 1960 e 70, de grande efervescência cultural, em que os artistas lutavam pelo direito à liberdade de expressão, Magliani dedicou-se à pintura, escultura e gravura (especialmente litografia). Também se interessou fortemente por filosofia e por teatro, atraindo a atenção de jovens encenadores na capital gaúcha. Suas escolhas intelectuais e estéticas deste período atestam um grande interesse na constituição de um repertório cultural que servisse de fundamento para seu trabalho artístico.

Como uma espécie de “mulher-tudo”, foi cenógrafa, figurinista, cartazista, programadora visual e atriz. Trabalhou para o espetáculo “*Não saia da faixa de segurança*”, de Carlos Carvalho e Francisco Aron, proibido pela censura. Fez o cenário para a montagem de “*Calígula*”, de Camus, apresentada no Teatro de Arena, em Porto Alegre. Atuou na peça “*As Criadas*”, de Jean Genet, “*La celestina*”, de Fernando Rojas, e no musical “*O Negrinho do Pastoreiro*”, adaptado do conto de Simões Lopes Neto, e encenado no palco do Theatro São Pedro, em Porto Alegre.¹ Sob direção de Ivo Bender, interpretou ninguém menos do que Tirésias, o adivinho cego de *Antígona*, clássico grego de Sófocles.²

¹ Vide MAGLIANI. Uma troca: teu olho – minha mão. Porto Alegre, 2018. Multipalco Eva Sopher, Estúdio Dezenove, Bienal do Mercosul. Folder de exposição de artes visuais.

² Vide <https://www.estudiodezenove.com/cronologia.html>



Fif. 1 Magliani, Objeto de cena
Óleo sobre tela, Coleção particular

Como artista plástica, Magliani inicia sua carreira a partir de evidentes referências modernistas, tendo preferência por uma pintura figurativa que se situa estilisticamente entre um cubismo sintético e um expressionismo de tons rebaixados, fortemente melancólico. Desde o início, indicando que a jovem artista também era uma ávida leitora, que conhecia os clássicos da literatura, os títulos das suas pinturas e desenhos apresentam alto nível poético: “*Retrato da amiga não de todo morta*”, “*Inútil pureza nascida de dois silêncios*”, “*O encanto do encontro está no canto ou no pranto?*”. Com o passar do tempo, optou por não utilizar títulos nas suas obras. Mas os títulos escolhidos para as exposições continuaram sendo impactantes.

Na passagem da década de 60 para a de 70, seu trabalho sofre alterações. Começava a artista a experimentar novas linguagens. Em breve, optaria pelo neoexpressionismo, fazendo uso de metáforas que se referiam à situação política do país, em pleno regime de exceção, com as liberdades cada vez mais restritas. Ao mesmo tempo em que seu trabalho tornava-se um libelo em defesa das liberdades, começava a refletir sobre a situação da mulher no âmbito de uma sociedade machista e autoritária como a sul-brasileira. Evidentemente, a situação da mulher negra lhe era especialmente cara.



Fig. 2. Luiz Carlos Felizardo. Ensaio fotográfico de Magliani
Fotografia, 1971

Em 1971, Magliani era uma artista muito atuante em Porto Alegre. A força de sua personalidade não passou despercebida aos olhos do fotógrafo Luiz Carlos Felizardo, que realizou um ensaio em preto e branco, que só foi exposto décadas depois. As imagens, na época censuradas, revelam uma jovem negra, que, a despeito do olhar triste e melancólico, ostenta cabelo *black power*, símbolo de resistência de toda uma geração de homens e mulheres que lutaram por igualdade e pelos direitos civis na Américas. Nesta época, costumava desfilar de cabelo alaranjado e roupas pretas pela principal rua de Porto Alegre, com um amigo inseparável – o escritor Caio Fernando Abreu.

O comportamento libertário do grupo ao qual Magliani pertencia estava perfeitamente afinado ao espírito da época, que chegava ao sul do Brasil através da música, do cinema, do teatro, da literatura e, claro, das artes plásticas. Não obstante, os artistas politicamente engajados enfrentavam enormes problemas com a parcela mais conservadora da sociedade sulina e com o governo militar, que tinha como prática o controle das manifestações artísticas e culturais.

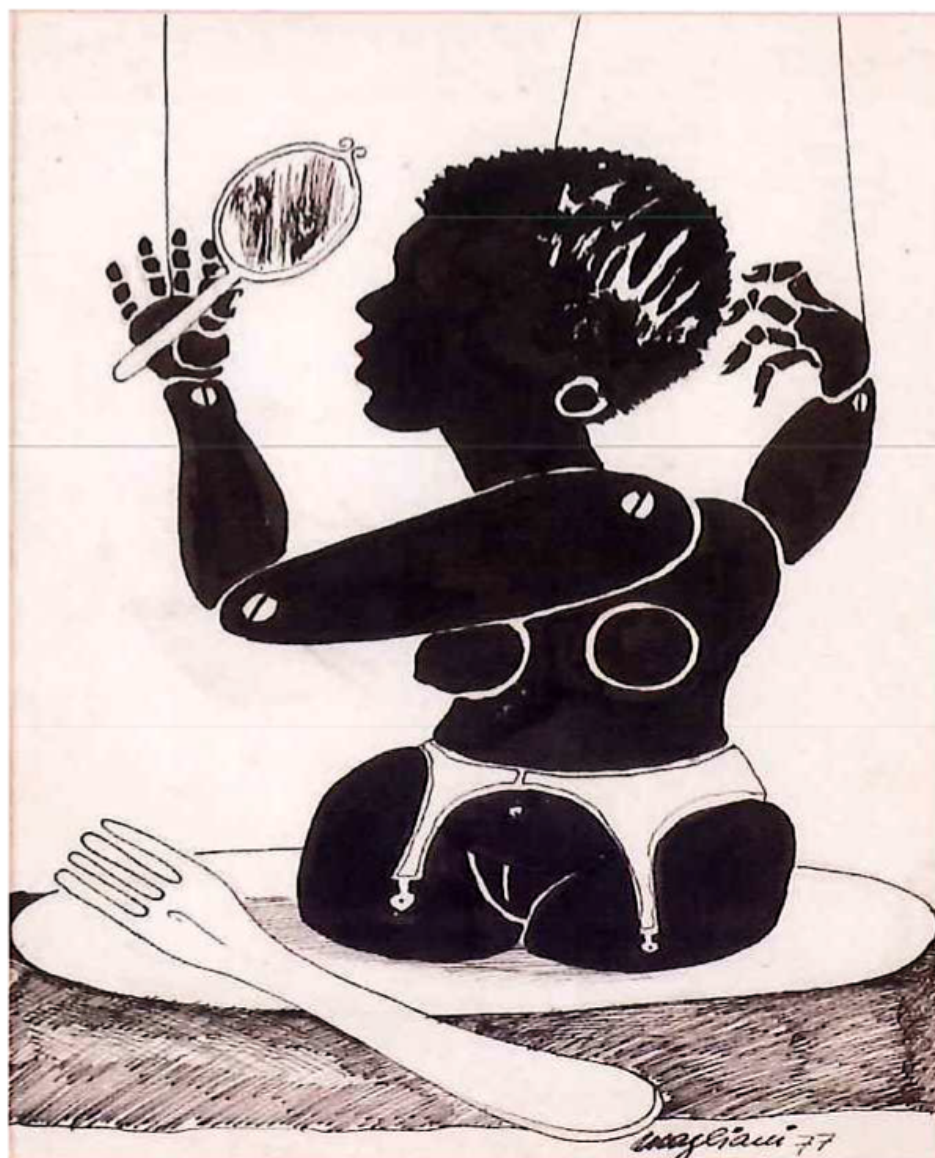


Fig. 3. Sem título, 1977. Desenho a nanquim sobre papel
Coleção Jones Lopes da Silva

Na década de 1970 seu interesse recai quase que exclusivamente na representação do corpo feminino subjugado pelas convenções e moldado para atender aos desejos masculinos. Datado de 1977, um desenho a nanquim mostra o corpo de uma mulher de cabelo curto, sem pernas, suspenso por fios. A mulher-marionete, usando brincos e cintas-liga, mira-se no espelho, prepara-se para ser servida como iguaria. O garfo está esperando para ser usado. O corpo negro é a refeição posta na mesa. Mas o olhar refletido é o da própria artista, que conhecemos do magnífico ensaio feito por Luiz Carlos Felizardo.

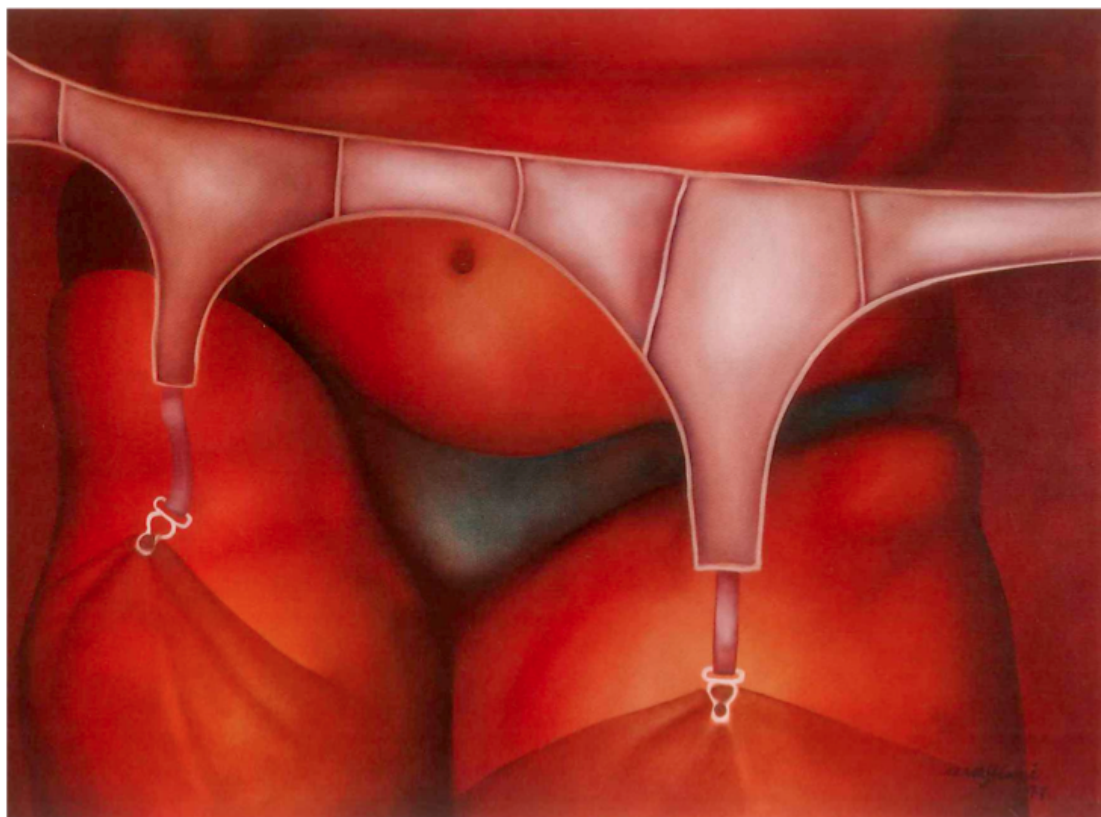


Fig. 4 Magliani. Sem título, 1977
Óleo sobre tela, Coleção Pinacoteca APLUB

Cerca de uma década depois de suas estreia nas artes plásticas, os comentadores chamavam a atenção para as figuras femininas, frequentemente torturadas, que povoavam seus desenhos e pinturas. Na exposição *“Brinquedo de armar”*, apresentada na Galeria Independência, em Porto Alegre, no ano de 1978, Sérgio Gonzaga menciona um “pesadelo opressivo” e José Paulo Bisol fala em “terror humano”.³ A dor e o sofrimento precisavam ser mostrados, para que os fenômenos históricos e sociais mais terríveis não se repetissem no futuro.

Magliani viveria em Porto Alegre até 1980, quando seu vínculo com o centro do país fortaleceu-se de tal forma que acabou por transferir residência para São Paulo. No centro artístico mais ativo do país, acreditou que teria mais oportunidades profissionais, já que participava de muitas exposições e seu trabalho era constantemente requisitado.⁴

³ MAGLIANI. Brinquedo de armar. Desenho e pintura. Galeria Independência, Porto Alegre, 1978. Folder de exposição de arte.

⁴ Depoimento da artista. Diário Popular, 24 de novembro de 1987. Sessão Educação e Cultura, p. 21.



Fig. 5. Magliani. Sem título, 1978
Óleo sobre cartão. Coleção particular

De fato, participou, em 1985, da 18ª Bienal de São Paulo, que teve curadoria de Sheila Leirner, no núcleo *Expressionismo no Brasil: Heranças e Afinidades*, assim como de diversas edições do *Panorama da Arte Brasileira*, no Museu de Arte Moderna de São Paulo.⁵ Apesar do sucesso profissional, nem sempre se sentia respeitada no meio artístico. Costumava irritar-se quando seus interlocutores manifestavam curiosidade em relação ao fato de ser mulher, negra e de origem humilde. Com justa indignação, perguntava:

“Por que parece tão excepcional que um negro pinte? Por que a condição social de artistas de cor branca nunca é mencionada? Por que sempre me perguntam como é ser negro e ser artista? Ora, é igual o ser de qualquer outra cor. As tintas custam o mesmo preço, os moldureiros fazem os mesmos descontos e os pincéis acabam rápido do mesmo jeito para todo o mundo. A diferença quem faz é a mídia. É ‘normal’ ser branco e, portanto, é natural que o branco faça tudo, mas quando se trata de um negro, agem como se fosse algo fantástico, um fenômeno – o macaco que pinta! Não gosto disto.”⁶

No do ano de 1987, Magliani apresentou, numa galeria de Porto Alegre, a exposição com o irreverente título de *“Discussões com Deus”*, baseada numa série de estudos de observação da figura sentada.⁷ No mesmo ano realizou, com sucesso, outra exposição no

⁵ MAGLIANI. Uma troca: teu olho – minha mão. Porto Alegre, 2018. Multipalco Eva Sopher, Estúdio Dezenove, Bienal do Mercosul. Folder de exposição de artes visuais.

⁶ Vide Magliani em entrevista a João Carlos Tiburski publicada no Boletim Informativo do MARGS, nº 32 jan/nov – 1987.

⁷ MAGLIANI. Galeria Tina Presser, 1987. Folder de exposição de artes visuais.

Museu de Arte do Rio Grande do Sul, sob o título de “Auto-retrato dentro da jaula”. Na pintura que dá nome à mostra, um corpo de mulher surge como uma fera enjaulada. Naquela ocasião, durante uma entrevista para o jornal do MARGS, perguntaram a Magliani como fora seu início de carreira, pintando no Bairro Sarandi, na periferia de Porto Alegre. Percebendo o evidente preconceito em relação à sua origem social, a artista, com presença de espírito, exercitou sua infalível verve poético-filosófica:

“Costumo ignorar as fronteiras. (...) Sou natural de todas as estrelas que posso ver e minha curiosidade é ver o outro lado delas. Ter começado a andar em Pelotas, a ler no Floresta, a pintar no Sarandi, a dançar no Moinhos de Vento, a expor no Menino Deus, me apaixonar na Rua da Praia, não são determinantes. Tudo poderia ter acontecido em qualquer outro lugar. Me decepcionar na rua Coronel Vicente ou na avenida São João dói do mesmo jeito. O lugar sou eu em qualquer parte. É em mim que as coisas acontecem ou esquecem de acontecer.”⁸

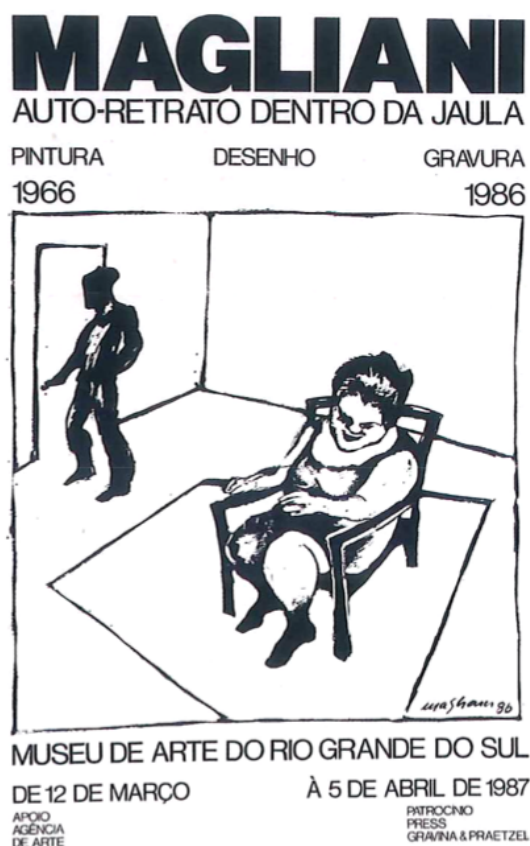


Fig. 6 Auto-retrato dentro da jaula (cartaz), MARGS, 1987

Em 1989 Magliani já estava cansada da violência e da poluição de São Paulo.⁹ Tinha planos de fazer pinturas maiores, num lugar mais tranquilo.¹⁰ Decidiu, então, recolher-se ao interior do país e, no ano seguinte, mudou-se para a pacata Tiradentes, em Minas Gerais, onde residiu de 1990 a 1996. Neste período, em que era tratada como pertencente a uma promissora geração das artes plásticas no Rio Grande do Sul e no

⁸ Magliani em entrevista a João Carlos Tiburski publicada no Boletim Informativo do MARGS, nº 32 jan/nov – 1987.

⁹ MAGLIANI. Uma troca: teu olho – minha mão. Porto Alegre, 2018. Multipalco Eva Sopher, Estúdio Dezenove, Bienal do Mercosul. Folder de exposição de artes visuais.

¹⁰ FREITAS, Nelson Abbott de. Diário Popular. Caderno Variedades. 10 de setembro de 1999, pg. 7.

Brasil, participou de duas exposições na galeria Tina Zappoli, de Porto Alegre: a individual “*Na madrugada insone*” em 1992, e uma coletiva, que também contou com obras de Iberê Camargo, em 1996.¹¹

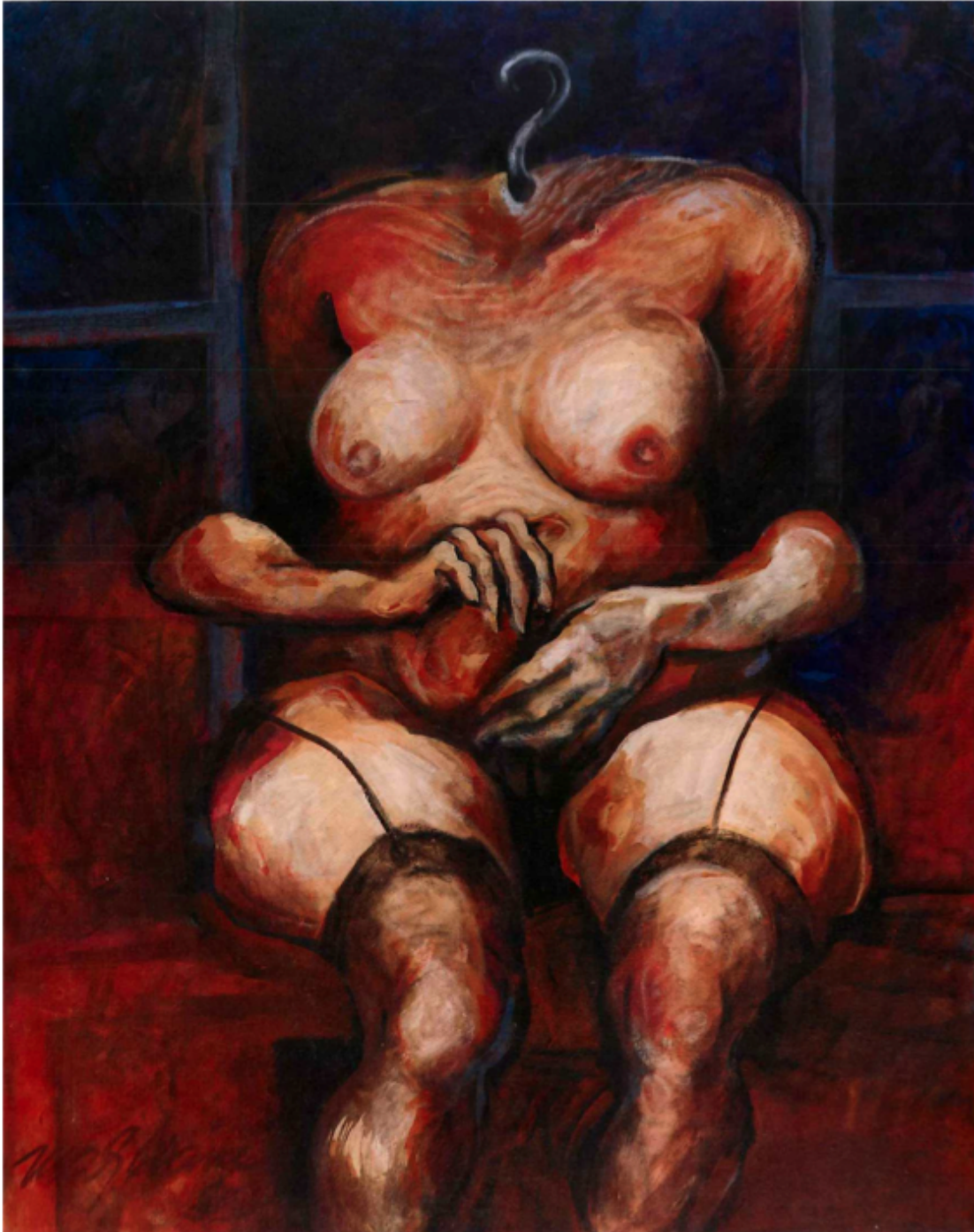


Fig. 7. Magliani. Janelas, 1999
Acrílica sobre tela. Coleção particular

¹¹ PIZZATO, Régis. A busca por uma definição da arte. Jornal Correio do Povo. Caderno Variedades, 07.04.1996, pg.17.

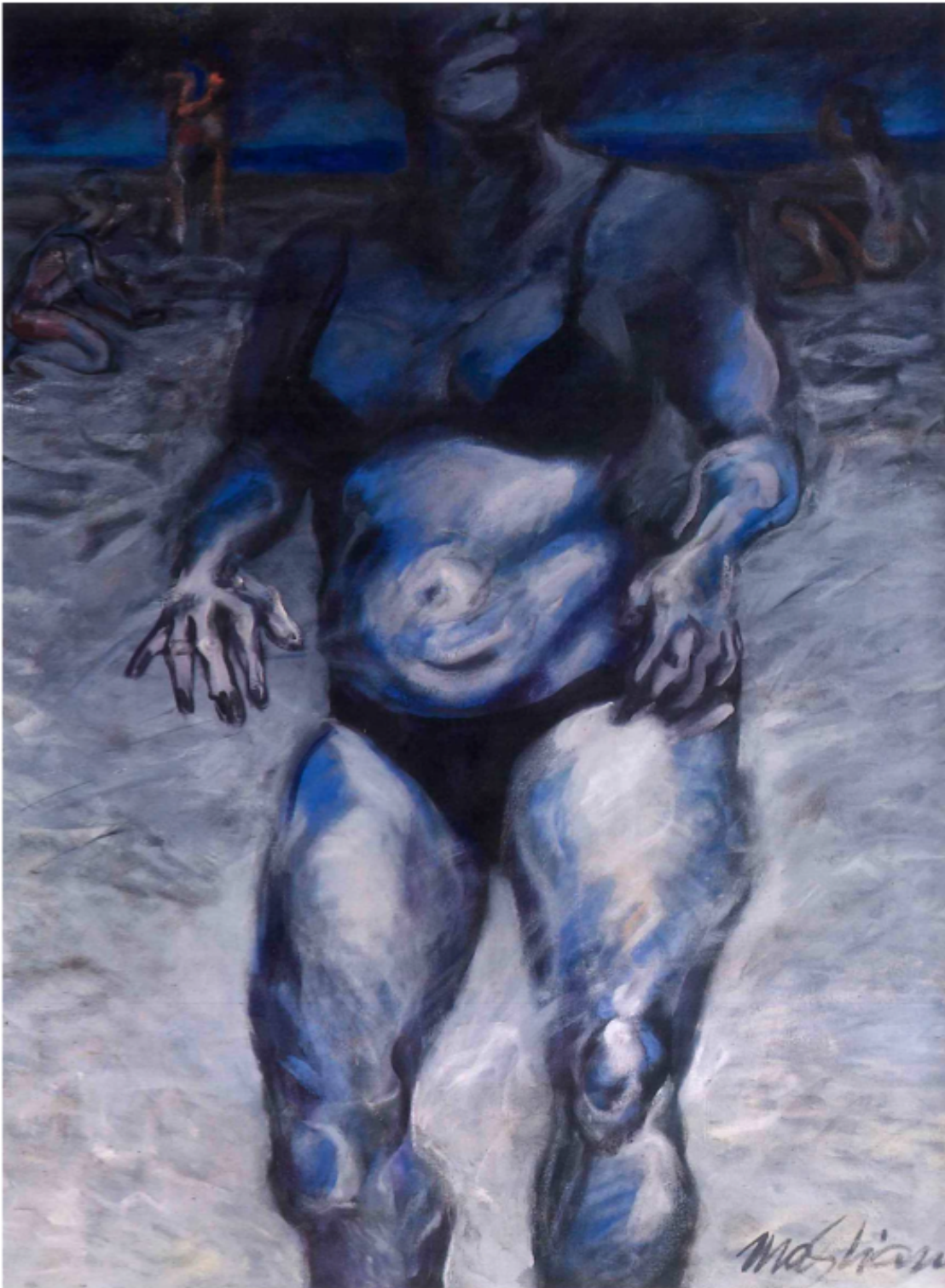


Fig. 8. Magliani. Noturna, 2001
Acrílica sobre tela, Coleção Francisco Stockinger

No mesmo ano de 1996, a artista, buscando um centro artístico mais dinâmico, viria a estabelecer residência no Rio de Janeiro, escolhendo para viver e trabalhar o inspirador bairro carioca de Santa Tereza. Passou a freqüentar o Estúdio Dezenove, onde conheceu Júlio Castro, que viria a se tornar colega, amigo, e, finalmente, o principal guardião de sua obra, após seu falecimento. Em 2012, pouco antes da morte da artista, numa espécie de despedida, a exposição “Procura-se”, ocorrida no Estúdio Dezenove apresentava as

últimas gravuras e pinturas da artista. Em maio do ano seguinte, realizou-se a mostra retrospectiva “Magliani – a solidão do corpo”, com curadoria de Renato Rosa, na Pinacoteca Aldo Locatelli, no Paço Municipal, em Porto Alegre.

Na biografia artística de Magliani há questões importantes que se referem à inserção e exclusão do sistema das artes, e os desafios enfrentados pelos artistas na luta pela sobrevivência. Magliani iniciou sua vida artística enfrentando enormes obstáculos, passou a vida inteira lutando pelo direito de exercer sua profissão, chegou a experimentar um relativo sucesso no mercado de arte, mas a situação não se manteve por muito tempo. Como não aceitava abandonar a carreira artística, sofreu as consequências de suas opções. Viveu seus últimos anos com dificuldades similares às do início da carreira, com o agravante de que o peso da idade, com os consequentes problemas de saúde, tornava tudo mais difícil.

A despeito do fato de ter sido considerada uma verdadeira revelação artística, e de ter trabalhado incessantemente durante toda vida, Magliani enfrentou grandes dificuldades financeiras. Ainda na época em que frequentou a Escola de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, tornou-se uma artista muito requisitada pelo emergente mercado de arte. Suas pinturas foram disputadas pelos colecionadores em exposições muito concorridas. Tanto sucesso, contudo não garantiu à artista a segurança necessária para que pudesse continuar trabalhando com arte e usufruir de uma vida minimamente confortável e segura da juventude à idade madura. No final da vida, estava desencantada e deprimida. Em carta ao amigo Renato Rosa, datada de 2006, desabafa: “Há anos não tenho mais como sustentar a pintura. Ultimamente não tenho como sustentar a mim mesma. A São Paulo civilizada, da qual continuo gostando muito ainda existe, mas não é para a minha bolsa.”¹²

As razões pelas quais o interesse pelo trabalho de Magliani esmoreceu no panorama artístico brasileiro são difusas. O fenômeno pode estar relacionado à rejeição do figurativismo expressionista, de temática social, que, no Brasil, foi perdendo força no final da década de 1980. Curioso paradoxo: na medida em que o processo de abertura política foi aliviando as tensões sociais, o interesse do mercado de arte, cada vez mais associado às economias globalizadas, transferiu-se para um tipo de produção artística, por assim dizer, mais “pacificadora”, mais “encantadora”, e menos agressiva. Claro, não pode ser descartada a hipótese do racismo estrutural vigente na sociedade brasileira, que a despeito da concessão feita à talentosa artista negra durante seu tempo de juventude, não deixou de persegui-la até o fim da vida, já doente e esquecida pelo sistema das artes, sempre faminto por novos talentos.

Difícil saber se a jovem e meiga Magliani foi, com o passar do tempo, liberando em imagens a carga de aflições que ela e seus antepassados acumularam ao longo dos anos, ou se foi absorvendo a amargura expressa na própria obra. O fato é que as verdades que expressou através de suas figuras torturadas continuam provocando incômodo, como um alarme que insiste em soar, mesmo quando toda a energia vital de um indivíduo se esvai. O grito agudo de Magliani continua a ser ouvido nos seus desenhos e pinturas. Ela vive aqui, no lugar onde arte deve viver, e continua a alimentar a nossa insônia.

¹² Trecho de carta de Magliani a Renato Rosa. Cabo Frio, 23 de maio de 2006.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Caio Fernando. Cartas a Maria Lídia Magliani. Disponível em: http://caiofabreu.blogspot.com/2010/09/maria-lidia-magliani_1946.html

BOHNS, Neiva. Magliani: alfabeto para gritar em silêncio. (Texto inédito, 2019)

CASTRO, Júlio. In: MAGLIANI. Uma troca: teu olho – minha mão. Porto Alegre, 2018. Multipalco Eva Sopher, Estúdio Dezenove, Bienal do Mercosul. Folder de exposição de artes visuais.

Diário Popular, 24 de novembro de 1987. Sessão Educação e Cultura, p. 21. Pelotas, RS.

FREITAS, Nelson Abott de. Diário Popular, Caderno Variedades. 18 de novembro de 1990, pg. 07. Pelotas, RS.

FREITAS, Nelson Abott de. Diário Popular. Caderno Variedades. 10 de setembro de 1999, pg. 07. Pelotas, RS.

Jornal Correio do Povo. Caderno Variedades, 07 de abril de 1996, pg.17. Porto Alegre, RS.

Jornal Zero Hora, 14 de abril de 1987, s/pg. Porto Alegre, RS.

Jornal Zero Hora, Segundo Caderno, 19 de agosto de 1999, pg. 06. Porto Alegre, RS.

LAFORET, Sérgio. Depoimento de Sérgio Laforet para a autora, em 28 de agosto de 2018, no foyer do Teatro Guarany, em Pelotas, RS.

MAGLIANI, Maria Lídia. Entrevista a João Carlos Tiburski publicada no Boletim Informativo do MARGS, nº 32 jan/nov.1987.

MAGLIANI. Auto-retrato dentro da jaula. MARGS, Porto Alegre, março de 1987. Catálogo de exposição de artes visuais.

MAGLIANI. Brinquedo de armar. Desenho e pintura. Galeria Independência, Porto Alegre, 1978. Folder de exposição de artes visuais.

MAGLIANI. Galeria Tina Presser, 1987. Folder de exposição de artes visuais.

MANGANELLI, Elton. Depoimento à autora em 12 de novembro de 2018.

MELLO DA COSTA, Fernando. Depoimento à autora em 04 de novembro de 2018.

NICOLAIEWSKY, Alfredo. Depoimento à autora em 27 de outubro de 2018, em Porto Alegre, RS.

PELLEGRIN, José Luis. Depoimento à autora, em 03 de novembro de 2018, em Pelotas, RS.

PIZZATO, Régis. A busca por uma definição da arte. Jornal Correio do Povo. Caderno Variedades, 07.04.1996, pg.17.

ROSA, Renato. Magliani: trajetória no Mercado de Arte. Rio de Janeiro, 2018. (texto inédito)

ROSA, Renato. Texto publicado no site da L&PM.

SÁ, Rubens Pileggi. Entre extremos. In: MAGLIANI. Procura-se. Rio de Janeiro: Estúdio Dezenove, 2012. Catálogo de arte.

STIGGER, Ivo. Magliani. Perfil. Revista ZH, 10 de setembro de 1989.